

Santuário de Nossa Senhora da Conceição - Recife/PE: Considerações sobre devoção e turismo religioso

Sylvana Brandão¹

Karla Oliveira²

Miguel Freitas³

Priscilla P. Quirino⁴

Resumo: Este artigo é uma reflexão sobre o turismo religioso que ocorre no santuário de Nossa Senhora da Conceição, em Recife, Pernambuco. Para consubstanciar nossa argumentação fizemos convergir, principalmente, lentes da História Cultural de Chartier, tanto quanto da Sociologia de Peter Berger, no que diz respeito a utilização do conceito de plausibilidade e dos conceitos de *habitus* e campo de Pierre Bourdieu. Os principais resultados da pesquisa de campo, efetivada a partir da história oral, da etnografia e daquilo que se define como turismo religioso, indicam um aumento considerável no fluxo turístico no referido santuário, avaliado na atualidade como o maior santuário do Estado de Pernambuco.

Palavras-chaves: Devoção, Turismo Religioso, Morro da Conceição.

Abstract: This article is a reflection about the religious tourism that occurs in the sanctuary of Ours Lady of the Conceição, in Recife, Pernambuco. To reinforce our argument we made to converge, mainly, lenses of the Cultural History of Chartier, as much as of the Sociology of Peter Berger, in what the use of the concept of plausibility and the concepts of *habitus* and field of Pierre Bourdieu says respect. The main results of the research of field, accomplished from verbal history, of the ethnography and of what if it defines as religious tourism, indicate a considerable increase in the tourist flow in the related sanctuary, evaluated in the present time as the biggest sanctuary of the State of Pernambuco.

Key-words: Devotion, Religious Tourism, Mount of the Conceição.

Nos tempos de pós-modernidade e globalização, a construção dos espaços culturais não se esgotam, permanentemente são reconstruídos. Considerando a produção da História e da Historiografia também como fluxos contínuos, há de se

¹Doutora em História. Professora dos Programas de Pós-Graduação em História, Arqueologia e Patrimônio da Universidade Federal de Pernambuco; também Professora e Coordenadora do Mestrado em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste da UFPE. Orientadora do Artigo.

²Aluna do curso de graduação em História da UFPE, estudante do 4º período. E-mail: karlinha_kdso@yahoo.com.br, (81) 8898 – 0640

³Aluno do curso de graduação em História da UFPE, estudante do 4º período. E-mail: mjr_pe@yahoo.com.br, (81) 8891-1850

⁴Bacharel em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora do Centro de Formação Teológica Sedes Sapientiae em Recife-PE. Pesquisadora do Mestrado em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste, da Universidade Federal de Pernambuco.

compreender que esta também se expande inexoravelmente. Chartier⁵ afirma a emergência de novos objetivos nas questões históricas e estes atrelam elementos como atitudes perante a vida a morte, as crenças, os comportamentos religiosos, sistema de parentescos, a família e suas relações, os rituais, a sociabilidade, entre tantas outras. Dito de outra maneira, enfoques sobre religião e religiosidades inseridos nos paradigmas da História Cultural, cada vez mais, nos ajudam a compreender dimensões da historicidade antes confinados às Histórias Religiosas apologéticas, em sua maioria produzidas por instituições confessionais ou intelectuais orgânicos, no dizer de Gramsci⁶.

De tantas e diferentes formas tem-se uma História Cultural que com diferentes abordagens e momentos distintos identificam uma determinada realidade social, que é trabalhada, segundo Berger, com os conceitos de identidade e organização social sendo aplicados aos problemas da sociologia da linguagem e da sociologia da religião.⁷ A análise dos fenômenos religiosos ganha, assim, cada vez mais destaque. Este artigo procura trazer para História Cultural uma análise sobre o turismo religioso no Morro da Conceição do Recife, passando por breves considerações sobre devoção. Ao elaborarmos tal construção, observamos as peculiaridades do Morro, sua história, religiosidade, e sua inserção mais propriamente no mundo, por muitos intelectuais, considerado popular.⁸

Todas estas considerações funcionam como peças que quando reunidas possibilitaram a construção e realização deste trabalho que se firmou articulando as mais variadas fontes: livros, monografias, projetos, artigos, jornais, sites e narrativas colhidas no santuário.

Ao analisarmos um santuário católico, convém, em primeiro lugar, destacar a própria definição da Igreja católica que denomina no cânone 1230 do seu Código de

⁵ CHARTIER, Roger. **A História Cultural**. Lisboa: DIFEL, 2002.

⁶ GRAMSCI, Antonio. **Compreensão Dialética da História**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1995.

⁷ BERGER, Peter. **O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 1985.

⁸ **Rumor de Anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996

⁸ Na verdade procuramos evitar a dicotomia entre popular/erudito; sagrado/profano, o que significa afirmar uma divergência, neste campo, de intelectuais como Mircea Eliade e Émile Durkheim e muito da Antropológica e teorias da Cultura muito própria dos anos 60 e 70 do século passado. A este respeito ver BRANDÃO, Sylvana. **São Francisco das Chagas do Canindé, Ceará, Brasil**. In: Sylvana Maria Brandão de Aguiar. (Org.). **História das Religiões no Brasil - Volume 3**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2004, v. 3, p. 339-370

Direito Canônico como sendo santuário “... a igreja ou outro lugar sagrado, para onde os fiéis em grande número, por algum motivo especial de piedade, fazem peregrinação com a aprovação do Ordinário Local”⁹. Ainda segundo a Igreja católica estes santuários podem ser hierarquizados como nacionais ou internacionais. Nossas pesquisas, até onde foram realizadas, segundo esta classificação, deve ser definido como um santuário nacional, o que nos leva a concordar também com Steil¹⁰ quando classifica santuários católicos em função de sua abrangência e receptividade, ou seja, local, nacional ou internacional. Dado que não localizamos nenhum devoto vindo de fora do Brasil, o Santuário de Nossa Senhora da Conceição em Recife deve ser considerado como um santuário de dimensão nacional.

Ordinariamente os santuários no Brasil foram obras iniciadas e consolidadas por leigos desde o período colonial. No dizer de Foulcault, a igreja católica apenas trata do processo de normatização e disciplinamento¹¹. Cabe ressaltar que a partir do Concílio Vaticano II, a Igreja Católica tratou de incentivar a descrença em *santos não históricos* e diminuir sistematicamente a influência dos leigos sobre a administração dos santuários.

Segundo João Hélio Mendonça¹² que investiga as tradições da Igreja Católica no Brasil, o culto a imagem de Nossa Senhora da Conceição chega ao Brasil ainda na época das Navegações e a veneração à Virgem da Conceição, começou a existir a partir de 1586, com a chegada dos jesuítas e suas missões de catequese. Onde eles aportavam fundavam Congregações Marianas, com a finalidade de facilitar a doutrina religiosa cristã aos índios.

O perfil carismático da imagem de Nossa Senhora da Conceição representa Maria Santíssima, vestida de branco, envolvida em um manto azul, de pé sobre o globo terrestre, com as mãos unidas em oração, e os olhos voltados para o céu, esmagando uma cobra com os pés. No Recife, o culto consagrado a Nossa Senhora da Conceição, padroeira do morro próximo do bairro de Casa Amarela, é uma das maiores festas religiosas e tradicionais.

⁹ Código de Direito Canônico promulgado por João Paulo II. Tradução Oficial CNBB. Edições Loyola, 1983.

¹⁰ STIL, Carlos Alberto. **O Sertão das Romarias**: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa_Bahia. Petrópolis: Vozes, 1996.

¹¹ FOULCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

¹² MENDONÇA, João Hélio. **A festa de Nossa Senhora da Conceição no Morro de Casa Amarela**. In **Ciência e Trópico**. Vol. 14, Nº. 02. Recife: Massangana, 1986. (Revista Semestral).

Segundo Sylvana Brandão¹³ a fundação do Santuário de Nossa Senhora da Conceição na cidade de Recife/PE, deu-se no ano de 1904, em comemoração ao cinquentenário do dogma da Imaculada Conceição da Virgem Maria, autorizada pelo Bispo D. Luís Raimundo de Brito, 1º Bispo de Olinda seguindo recomendação do Papa Leão XIII.

Foi seu engenheiro construtor o Dr. Rodolfo Lima. A sua pedra fundamental foi benta por D. Luiz a 26 de outubro de 1904, cuja solenidade presidiu, com campanha de representantes das conferências Vicentinas, grande número de fiéis, sacerdotes e pessoas gradas. Era Maximino Cottard o então vigário da Paróquia do Poço da Panela, à qual pertencia o Morro da Conceição. No ano Mariano de 1954, data do centenário da promulgação do Dogma da Imaculada Conceição, fez o monumento o seu Jubileu de Ouro de Construção. A festa se revestiu de excepcional brilhantismo, e por ocasião do *Te Deum* do encerramento, que foi presidido por Dom Antonio de Almeida Moraes Júnior, arcebispo de Olinda e Recife foi anunciado a nova de que para breve naquele local, haveria de ser edificado um grandioso Santuário dedicado a Imaculada Conceição da Virgem Maria Nossa Senhora.¹⁴

As homenagens aconteceriam no decorrer dos anos de 1903 e 1904, sendo o dia 8 de Dezembro o dia da inauguração da imagem, quando o Morro da Boa Vista passou a ser chamado de Morro da Conceição. Em 1906, D. Luiz, que era devoto de Maria, ergue uma capela em estilo gótico com 25 metros de altura, da qual hoje

¹³ AGUIAR, S.M.B. **SANTUÁRIOS CATÓLICOS PERNAMBUCANOS: Uma Etno História do Morro de Nossa Senhora da Conceição em Recife – 1904-2009.** Recife, 2008.

¹⁴ **Jornal Diário de Pernambuco, Segundo Caderno**, edição de 06 de dezembro, p. 1, Recife 1963. IN. AGUIAR, S.M.B.; LIMA, Deise Maria Albuquerque de. **Devoção à Nossa Senhora da Conceição em Recife/PE: Uma Abordagem Histórica.** Artigo Apresentado no I Colóquio Internacional de História, na Universidade Federal de Campina Grande.

resta apenas a torre. A paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Morro foi devidamente instalada no local a Oito de Dezembro de 1975.¹⁵

O monumento de Nossa Senhora da Conceição do Morro foi construído no ano de 1904, por ordem de D. Luiz Raimundo da Silva Brito, então Bispo Diocesano de Olinda, no Alto do Outeiro, chamado depois de Morro da Boa Vista e atualmente Morro da Conceição, para comemorar o quinquagésimo aniversário da proclamação do Dogma da Imaculada Conceição da Virgem Maria. O terreno onde foi edificado o referido monumento foi doado à Diocese de Olinda, numa área de cento e vinte (120) por sessenta (60) metros, conforme consta na escritura particular de doação, passada a seis de dezembro de 1904. A imagem da Virgem Imaculada foi adquirida em Paris na “Vaillant Nast e Cia”, por intermédio de Dr. Carlos Alberto Menezes e foi posta sobre um pedestal de alvenarias graníticas lavrada, de primeira qualidade, com cautarias especiais na base e nas cimalthas acima, com arestas vivas sem falhas. Traz ela as mãos postas, coroa dourada, mede três metros e meio (3,50) de altura, é toda de ferro, tem veste branca, manto azul com bordados, aos pés uma esfera azul com estrelas. Sobre a mesma há um dossel de ferro com quatro (4) colunas, medindo nove metros e meio (9,50) de altura em alumínio dourado em cuja base está uma balaustrada de ferro, do mesmo estilo.¹⁶

¹⁵ AGUIAR, S.M.B. **SANTUÁRIOS CATÓLICOS PERNAMBUCANOS: Uma Etno História do Morro de Nossa Senhora da Conceição em Recife – 1904-2009.** Recife, 2008. Apud. AGUIAR, S.M.B.; LIMA, Deise Maria Albuquerque de. **Devoção à Nossa Senhora da Conceição em Recife/PE: Uma Abordagem Histórica.** Artigo Apresentado no I Colóquio Internacional de História, na Universidade Federal de Campina Grande

¹⁶ **Jornal Diário de Pernambuco, Segundo Caderno.** Edição de 05 de Dezembro, p. 3, 1963. IN. AGUIAR, S.M.B.; LIMA, Deise Maria Albuquerque de. **Devoção à Nossa Senhora da Conceição em Recife/PE: Uma Abordagem Histórica.** Artigo Apresentado no I Colóquio Internacional de História, na Universidade Federal de Campina Grande.

A região já foi conhecida como Oiteiro de Bagnolo, referência a um conde napolitano que lutou ao lado dos pernambucanos contra os holandeses e Oiteiro de Bela Vista, denominação adotada após a expulsão dos holandeses do Estado. O nome Morro da Conceição surgiu depois que, em 1904, o então bispo de Olinda e Recife, Dom Luis Raimundo da Silva Brito, mandou construir ali um monumento em honra à Virgem da Conceição.

A chegada da imagem em 1904 e a posterior construção da capela aparecem discretamente em Flávio Guerra¹⁷, já o Padre Pacheco foi mais ousado ao descrever a convocação de D. Luiz de Brito com a chegada da imagem da Santa, em sua obra, que é uma biografia de D. Luiz, na sua análise utiliza a voz do Dom, para chamar a população à celebração do aparecimento da imagem, narrando os eventos antes do dia dessa chegada, como também a motivação das pessoas condizentes com esta chegada e celebração.

Ao analisarmos os fenômenos religiosos vemos em Durkheim [...] duas categorias fundamentais: as crenças, que se referem à opinião, às representações; e os ritos relacionados aos modos de ação, as regras de conduta que ditam o comportamento do homem ao se relacionar com as coisas sagradas¹⁸.

Os ritos ou rituais se estruturam na criação do mito e este se manifesta em espaços ou no sagrado que é construído socialmente por um grupo que garante a permanência do passado no presente [...] e a possibilidade de reconstrução da memória, pois ela tem o grupo como suporte¹⁹. Funcionando como símbolo dos ritos ou rituais ou, ainda, local onde as crenças e momentos de devoção se constroem vê-se o santuário como local de práticas e expressão sólida de religiosidade.

A devoção e a crença se estabelecem em “contratos” entre o devoto e o santo que Bourdieu chama de economia de trocas de bens simbólicos²⁰ e em muitos casos esta devoção se firma através de ex-votos, expressão materializada como forma de agradecimento pela graça alcançada. Sendo assim, o deslocamento até os santuários e os rituais neste local é possibilidade de troca entre o indivíduo e o sagrado, espécie de simples pagamento do acordo.

¹⁷ GUERRA, Flávio. **Velhas igrejas e subúrbios históricos**. 2ª Ed. Recife: Fundação Guararapes, 1970.

¹⁸ DURKHEIM, Emile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

¹⁹ HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006, p. 4.

²⁰ BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papyrus, 1997.

No dizer de Peter Berger,

Sejam quais forem as razões, números consideráveis do espécime homem moderno não perderam a propensão para o admirável, o misterioso, para todas aquelas possibilidades contra as quais legislam os cânones da racionalidade secularizada. Estes rumores subterrâneos de sobrenaturalismo podem, ao que parece, coexistir com toda a sorte de racionalismo superior”.²¹

Raciocínio semelhante nos apresenta Pierre Bourdieu quando analisa a troca de bens simbólicos. Dito de outra maneira, a devoção tem em si o fio condutor da fidelidade, um pacto traçado entre o devoto e o santo e esta, por sua vez, implica “a reprodução ou crise desta economia baseiam-se na reprodução ou na crise da crença, isto é, na perpetuação ou na ruptura do acordo entre as estruturas mentais, e as estruturas objetivas.”²²

A devoção, do que foi argumentado, não pode ser compreendida apenas como um fenômeno de alienação, para Umberto Galimberti²³. Transcende aos esquemas simplistas da racionalidade instrumental. Ao escolher um protetor, os santos e as santas tornam-se confidentes, esclarecem mistérios, realizam milagres. Segundo Sylvana Brandão, estes não devem ser compreendidos apenas como o alcance do extraordinário, do inexplicável, mas também como a solução cotidiana dos males comuns, das dores causadas pelas perdas, pelas inseguranças, pela necessidade diária de proteção²⁴. Se a pós-modernidade pode ser configurada como a perda de paradigmas, o re encanto pela religiosidade emerge como um paradoxo

²¹BERGER, P. **Rumor de Anjos**: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

²² BOURDIEU, Op. cit.

²³ GALIMBERTI, Umberto. **Rastros do Sagrado**: o cristianismo e a dessacralização do sagrado. São Paulo: Paulus, 2003.

²⁴ BRANDÃO, Sylvana. Op. Cit

em busca, também, de novas racionalidades, de novos sentidos, de novas plausibilidades.

A peregrinação aos santuários, muitíssimas vezes repetidas ao longo da vida e transmitidas por gerações, significa um ritual de purificação e de reafirmação do sagrado em seu sentido original: um lugar de transfiguração, de reencontro, de reafirmação, de um interminável renascer, da renovação da esperança do emergir cada vez melhor, seja moralmente, seja economicamente. Para os devotos os santos não estão distantes, não estão mortos, sequer são estranhos ou possuem nacionalidade. Estão vivos!²⁵

Tanto quanto estranho na atualidade é reafirmar a dicotomia entre sagrado/profano, também é reconhecer o turismo religioso, organizado pela Igreja Católica ou empresas públicas e privadas como dicotômico. Falar em deslocamento e trocas é citar características tangentes ao turismo que segundo Carlos Trigueiro “se caracterizar como um mercado onde existe uma oferta de produtos turísticos e uma demanda de pessoas dispostas a visitar esses destinos²⁶”. Outra acepção sobre esta temática é a de Olimpio Bonald Neto onde o conceito engloba uma multiplicidade de ações que vão desde a necessidade de descanso, passando pela aquisição de novas experiências, conhecimentos, englobando encontros místico-religiosos, até as atividades inerentes aos homens que procuram novas formas de expansão para o mercado capitalista²⁷.

O turismo é uma das atividades que está no topo da Economia mundial e o Brasil tenta acompanhar essa tendência. As atividades turísticas é o segmento de mercado que utiliza os procedimentos e aspectos específicos do âmbito econômico e do âmbito mercadológico e ganhando as características temporais, espaciais e culturais.

O turismo religioso é um dos segmentos do mercado turístico e envolve negócios, empreendimentos e lucros, gera empregos e renda, cria opções de lazer, lança cidades como rotas turísticas e pode impulsionar uma expectativa de melhora da qualidade de vida da própria localidade e sua população, quando bem

²⁵ BRANDÃO, Sylvana. Op. Cit

²⁶ LUCENA, Severino Alves. Turismo religioso popular: um cenário folkcomunicação. Revista Internacional de FOLKCOMUNICAÇÃO, 2003

²⁷ Ibidem, p. 7.

trabalhado. Esta vertente turística é compreendida como uma organização que movimenta inúmeros peregrinos em viagens pelo mistério da fé e da devoção. Segundo José Vicente de Andrade²⁸ o turismo religioso funciona como “o conjunto de atividades com utilização parcial ou total de equipamentos e a realização de visita a lugares ou regiões que despertam sentimentos místicos e/ou suscitam a fé, a esperança e a caridade nos fiéis de qualquer tipo ou em pessoas vinculadas à religião”.

Para Vitarelli:

Em nosso país o catolicismo adquiriu um teor singular devido à miscigenação de portugueses, africanos, indígenas e imigrantes de vários países do mundo. Cada cidade brasileira possui uma igreja, e esta é, geralmente, o principal monumento localizado na praça central. O turismo religioso é praticado informalmente em todo o país. Em todos os estados, as pessoas se deslocam por motivos religiosos e a potencialidade para o desenvolvimento da atividade é imensa.²⁹

No Brasil, o turismo religioso, em face da formação da sociedade brasileira, é rico e plural, principalmente por conta das tradições do catolicismo, sejam elas mais eruditas, a exemplo dos cantos gregorianos cultuados pelos beneditinos, sejam midiáticos próprio da indústria cultural a exemplo dos rituais carismáticos.

O turismo religioso é montado e estruturado como o espetáculo com dois papéis muito importantes e complementares, como afirma Oswaldo Giovanini Júnior³⁰, é uma reunião entre nativos e peregrinos, os “de dentro” e os “de fora” é um

²⁸ ANDRADE, José Vicente de. **Turismo**: fundamentos e dimensões. São Paulo: Pioneira, 1991.

²⁹ VITARELLI, Flávio. **Turismo Religioso** - Jubileu do Senhor Bom Jesus do Matozinhos. Congonhas do Campo: Universidade Federal de Ouro Preto, 1997.

³⁰ CAMURÇA, Marcelo Ayres; GIOVANNINI JR., Oswaldo. **Cidade Presépio em Tempo de Paixão. Turismo Religioso**: tensão, negociação e inversão na cidade histórica de Tiradentes. In. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 9, n. 20, p. 225-247, outubro de 2003

encontro de culturas e um enlace de pessoas, é um trânsito de histórias e crenças individuais mais que necessitam de todo um complexo estrutural para que ocorra.

Para Steil³¹ um significado bem preciso: pode se falar em turismo religioso quando o sagrado migra como estrutura de percepção para o cotidiano, para as atividades festivas, o consumo, o lazer, quando, enfim, os turistas passam a viver eventos, como os Natais, não mais vinculados à tradição cristã ao que ela prescreve, mas como uma experiência inusitada, espiritual e consumista ao mesmo tempo. Para que o turista consuma e se satisfaça se faz preciso uma quebra entre o sagrado e profano e uma maior aproximação dos eventos religiosos do cotidiano e das vidas tanto dos peregrinos quanto dos nativos das regiões.

Falar em peregrinação em um santuário é um evento interdependente das mais diversas atividades de serviços: comércio varejista, lazer, alimentação, integradas ou não a empreendimentos turísticos oficiais. Assim, faz-se necessário um processo de “estruturação urbana” dessas áreas para que se possa oferecer uma estadia com qualidade e sustentabilidade no local.

Este deslocamento transforma um espaço dentro do qual se desenrolam práticas de desenvolvimento e consumo que acopladas à forma como a religião se apresenta, fabrica um novo tipo de arranjo social. Tudo isto pode ser observado na Devoção a Imagem de Nossa Senhora da Conceição no Morro da Conceição no Recife.

Danielle Hervieu-Léger³² que identificou um profundo processo de dessimbolização, ou seja, perda da eficácia do símbolo, na esfera religiosa que, paradoxalmente, trouxe à sociedade laica, a emoção, a experiência religiosa como o cerne de religiosidades emergentes, reconfigurando outros tipos de experiência: a viagem, o prazer, o fluxo turístico. Assim dando uma grande importância ao espaço em si e sua estrutura receptiva para abrigar o viajante, nestes casos o mais relevante é o aspecto profano do espaço e da festividade. Ainda assim o turismo se

³¹STEIL, Carlos Alberto. **Peregrinação e turismo**: o Natal Luz em Gramado e Canela. XXII Reunião da ANPOCS, Caxambu, 1998

³²LÉGER-HERVIEU, Danielle. **Catolicismo** – A Configuração da Memória. **In.** Revista de Estudos da Religião. São Paulo: PUC.

constrói e consolida já que há uma transitoriedade de pessoas, há exigência de serviços e a busca por uma satisfação que pode ou não ser espiritual.

A festa no morro teve origem a partir da comemoração do cinquentenário do dogma da Imaculada Conceição no Brasil em 1904, arrastando um cortejo de 20 mil pessoas (quando o total da população do Recife era de 120 mil pessoas), romeiros que partiram do Porto do Recife e seguiram até o local em que a imagem se encontra atualmente.

Em 1906, o bispo diocesano D. Luís Raimundo da Silva Brito mandou construir uma capela em estilo neo-gótico, este juntamente com a Confraria São Paulo são responsáveis pela encomenda da imagem.

Com o passar dos anos, o morro foi povoado por gente humilde e desabrigada das regiões ribeirinhas da cidade do Recife e também vindos de cidades do interior do Estado.

Em 1974, diante do progressivo desenvolvimento urbano do bairro de Casa Amarela, houve o desmembramento da área do Morro da Conceição e adjacências, para a criação da nova paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Morro, instaurada em 8 de dezembro do mesmo ano. No ano seguinte, a paróquia passou a denominação de Matriz do Morro da Conceição.



Ilustração 1: Imagem de Nossa Senhora da Conceição

Fonte: Jornal do Commercio, Caderno Especial, 08 de dezembro de 2006

As comemorações em homenagem à Virgem da Conceição do Morro iniciam-se no dia 29 de novembro e seguem até o dia 8 de dezembro, no pátio da Igreja, com a realização de missas, novenas, reza de terços e a tradicional peregrinação ao morro, pelos fiéis, penitentes, devotos, visitantes e a população geral.



Ilustração 2: Fiéis no Morro da Conceição

Fonte: Jornal do Commercio, Caderno Especial, 08 de dezembro de 2006



Ilustração 3: Fiel no Morro da Conceição

Fonte: Jornal do Commercio, Caderno Especial, 08 de dezembro de 2007



Ilustração 4: Fiéis no Morro da Conceição

Fonte: Jornal do Commercio, Caderno Especial, 08 de dezembro de 2007



Ilustração 5: Demonstração de fé no Morro da Conceição

Fonte: Jornal do Commercio, Caderno Especial, 08 de dezembro de 2008



Ilustração 6: Fiéis pagando promessa no Morro da Conceição

Fonte: Jornal do Commercio, Caderno Especial, 08 de dezembro de 2008



Ilustração 7: Lembranças vendidas durante as comemorações no Morro
Fonte: Jornal do Commercio, Caderno Especial, 08 de dezembro de 2008

A delimitação temporal de nossas pesquisas ambiciona compreender o fluxo turístico durante a década de 2000. Neste curto espaço preferimos apenas analisar o início. Baseando-se em dados de entrevistas semi-estruturadas, realizadas no dia 8 dezembro de 2002,³³ que tinha como objetivo compreender vários aspectos das comemorações anuais que ocorrem no Santuário de Nossa senhora da Conceição, verificamos que os visitantes do Morro, em sua grande maioria, pertence a Região Metropolitana do Recife e da Zona da Mata, e quase todo o universo analisado indica a predominância de católicos que chegam ao santuário através de ônibus fretados e de linha.

Alguns dos entrevistados, quando chegam ao morro, tomam caminhos diversos em suas atividades; uns contemplando a religiosidade do santuário, refletindo e meditando; outros buscando a festa e bares como forma de lazer e

³³ **A Religiosidade do Morro da Conceição**, artigo apresentado pelos alunos Ducilene Ferreira, Edson Romero, Herivelton Silva, Igor Westphalen, Luiz Eduardo Silva e Olímpio Gonçalves para a Disciplina de Introdução à pesquisa Histórica, sob a supervisão da Professora Doutora Sylvana Maria Brandão de Aguiar

diversão; e alguns que simplesmente vão observar as manifestações de fé dos devotos.

Nas entrevistas com os moradores, percebemos que 40% não participam da festa. Alega-se, principalmente, dificuldades em relação ao transporte e a violência como pontos negativos que acontecem durante a festa, o que não significa afirmar que os moradores não gostem das festividades.

Falando dos devotos/visitantes, que consideramos turistas, apresentam uma estadia breve, de caráter excursionista. Mas mobilizam o comércio informal, já que passam o dia e necessitam de serviços diversos. Com isso vemos que esta necessidade é um dos aspectos em que encontramos o turismo religioso no Morro da Conceição do Recife gerando trabalho e circulação de dinheiro na localidade.

São os vendedores ambulantes, as barracas e lojas que comercializam artigos religiosos como: imagens de santos em gesso ou em molduras, escapulários, velas, fitas, medalhas, flores plásticas, camisetas, fitas e inúmeros outros produtos populares, não se esquecendo, naturalmente, dos alimentos e das bebidas.

Temos um percentual elevado de moradores da Região Metropolitana do Recife (RMR) que comparecem a festa do morro: 35%, sendo destaque dessa apuração como centros emissores dos municípios de São Lourenço da Mata e Jaboatão dos Guararapes. Verificou-se curiosamente que a participação de habitantes da RMR (excluindo o Recife) é inclusive maior do que o número de moradores da capital pernambucana. Destacamos ainda a presença de pessoas oriundas da Zona da Mata Norte do estado, principalmente das cidades de Limoeiro, Paudalho e Carpina.

Não é só para rezar, pagar promessas ou fazer pedidos que as pessoas vão à procissão do Morro da Conceição. Ao redor do santuário e ao longo de toda a localidade estendendo-se pela Avenida Norte, um sem número de bares e outros pontos de diversão se aglomeram e atraem muitas pessoas, transformando o evento numa festa abrangente. A procissão se configura como espaço democrático, onde o fiel pode encontrar opções de práticas de devoção e de lazer. Tal situação é comum a grandes festas religiosas e populares.

No nosso trabalho de campo, a equipe aplicou 20 questionários sobre o lado profano da festa. Todos os entrevistados foram abordados em bares no momento de descontração. Sobre o perfil desta amostragem, verificamos que a grande maioria se declara católica, possui uma renda inferior a R\$500,00 e são pessoas com baixo índice de escolaridade.

Em números, isto é apresentado da seguinte forma: 19 pesquisados se dizem católicos e apenas uma pessoa afirma não ter religião. Em relação à renda mensal, 12 responderam ganhar entre R\$200,00 e R\$ 500,00; cinco informaram receber R\$200,00 ou menos que isso e uma pessoa declarou ganhar acima de R\$ 500,00. Duas pessoas não informaram a renda.

A escolaridade dos entrevistados se apresenta num padrão modesto, no qual a maioria (12 pessoas) possui apenas o ensino fundamental, um admitiu ser analfabeto e outros seis responderam ter o ensino médio. Apenas uma pessoa admitiu o 3º grau.

Os pesquisados são predominantemente da Região Metropolitana do Recife (RMR), 15 ao todo, enquanto o restante declarou residir fora do anel metropolitano.

Apesar de terem sido perguntados num momento de diversão, os apreciadores do aspecto profano da festa não deixaram de lado a devoção religiosa. Um total de 13 dos 20 entrevistados disseram ser católicos praticantes. 13 pessoas responderam terem pagado alguma promessa antes de ir ao bar. É interessante destacar alguns tipos de pagamento de promessa que denunciam o caráter boêmio da pessoa.

O arrumador Maurício da Silva, por exemplo, estava na iminência de ter seu barraco removido, mas conseguiu ficar no terreno e atribuiu a sua permanência à providência divina. Por conta disso, foi agradecer a santa no dia 8 de dezembro de 2002, pagando a promessa de ficar 12 horas sem beber, comer e fumar. Após orar no santuário, ele se dirigiu ao bar e acabou com a tripla abstinência. Outro caso interessante é o da auxiliar de enfermagem, Maria de Fátima do Nascimento, 52 anos, que alegou que o pagamento de sua promessa já era subir o morro.

Várias opções de lazer foram citadas pelos entrevistados. No entanto, a que obteve a preferência do universo pesquisado foi 'ir ao bar tomar uma cervejinha', como disse um dos 9 que escolheram o bar como a melhor atração da festa. Um dado surpreendeu. Apenas 50% dos entrevistados admitiram ter o hábito de se divertir após as tarefas religiosas.

Mesmo apreciando os bares, 17 dos 20 entrevistados consideraram mais importante no evento a parte religiosa, o que indica, pelos dados que a maioria, antes de procurar a diversão dedica-se a sua religiosidade. Isso leva a concluir que, apesar da festa ter um lado profano marcante, a fé e a devoção são os elementos que mais motivam os fiéis a aparecer no morro no dia da procissão.”

Necessariamente o turismo religioso é vinculado a oferta de vários produtos. Neste sentido, a diversidade de produtos encontrados a venda nas ladeiras do morro da Conceição lembraram uma imensa feira livre. Lá foi possível encontrar camisas, estátuas e outros artigos que faziam referência direta à imagem de Nossa Senhora da Conceição, além de outros produtos que nem de longe poderiam ser atribuídos ao culto religioso. Nas proximidades da estátua da santa, encontramos Paulo Félix, 21 anos, evangélico, morador da Macaxeira, vendendo discos piratas de diversos cantores 'bregas', como ele mesmo definiu. Ao seu lado, Helena Ferreira, também evangélica, vendia defumadores, enquanto, José Manuel explicava para uma cliente a forma correta de aplicar as 'tatuagens de rena' que acabaram de adquirir.

Dentre os comerciantes entrevistados na nossa pesquisa de campo, a orientação religiosa predominante era a católica. Alguns se declaram praticantes, outros admitiram que freqüentam a igreja esporadicamente. Havia também uma minoria protestante de pessoas sem religião definida. Quando perguntados sobre as razões de estarem ali a maioria esmagadora disse que aproveitava a ocasião para complementar a renda familiar e garantir a sobrevivência. Apenas dois entrevistados disseram que o dinheiro é o que menos importava, que estavam ali para prestigiar o evento e que a venda de artigos religiosos era uma forma de propagar a crença à Imaculada Conceição.

O movimento de comércio considerado fraco pela maioria dos comerciantes, principalmente pelos mais antigos. Muitos atribuíram o baixo volume de vendas a crise econômica que o país atravessa e ao achatamento salarial que os

trabalhadores vêm sofrendo nos últimos anos. Outros entrevistados consideram injustas as taxas cobradas pela organização do evento para instalação de barracas. Segundo eles, o faturamento seria insuficiente para cobrir os custos de transporte, taxas e alimentação durante os dias de permanência no evento.

José Joaquim da Silva, católico praticante, veio de Limoeiro disposto a fazer qualquer trabalho para conseguir dinheiro. Chegou em Casa Amarela na terça-feira e, sem ter onde ficar, dormiu nas calçadas durante a semana inteira. Só conseguiu algum trabalho na quinta-feira. Um comerciante lhe cedeu canudos de erva-doce para vender. No domingo, havia apurado R\$100,00 dos quais ficaria apenas com R\$30,00. Valeu a pena, disse o exausto Sr. Joaquim. Se tivesse ficado em Limoeiro não teria conseguido nada.

Lucileide Vieira da Silva, 33 anos, estava desolada no meio da festa. Enquanto todos rezavam, bebiam ou reverenciavam a Virgem da Conceição, ela tentava, em vão, vender pôsteres de artistas populares como Sandy e Júnior, Xuxa e Zezé de Camargo e Luciano. Não deu sorte. Embora estes artistas gozem de prestígios junto às massas, até o último dia da festa, só havia faturado R\$30,00. Há dez anos comercializando produtos diversos na festa, ela afirmou que não teve dinheiro para investir e teve que se contentar com o que estava ao seu alcance.

Atraída pela fama do santuário, a cearense Raimunda Nonato, 42 anos, organizou uma pequena caravana para tentar vender produtos religiosos na festa do Morro da Conceição. Acostumada com a fatura do comércio em torno do padre Cícero Romão, no Juazeiro do Norte, decepcionou-se com o movimento do comércio local. Reclamou da organização do evento. Disse ainda que se conseguisse apurar o suficiente para cobrir as despesas da viagem já teria sido um milagre.

Favorecendo e afirmando o turismo religioso no Morro merece destaque “O papel das redes geográficas do sagrado no turismo regional” que segundo Zeny Rosendah³⁴ deve-se entender o conceito de rede aplicando à rede simbólica, qualificado-a como formal ou informal, hierárquica ou não, periódica ou permanente,

³⁴MARINHO, Alba. **O papel das redes geográficas do sagrado no turismo regional**: O caso do Santuário de São Severino Mártir do Engenho Ramos Paudalho/PE, IV ENECULT, Salvador, 2008.

planejada ou espontânea, dendrítica ou complexa. E quanto à escala espacial, se ela é de âmbito local, regional ou nacional.

Alba Marinho, em suas pesquisas sobre o Santuário de São Severino dos Ramos em Paudalho, afirma que há uma rede formada, que apresenta padrões de interações múltiplos e conectados através de fluxos de ordens variadas. O Santuário de Frei Damião é o nó de maior frequência, muitas vezes se une a nós de frequência intermediária como o Santuário da Mãe Rainha e ao santuário de São Severino do Engenho Ramos em Paudalho. Em menor frequência, adaptando-se ao calendário de eventos religiosos, a rede se amplia para outros centros devocionais tais como Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora dos Prazeres, Nossa Senhora de Lourdes e Santo Cristo do Ipojuca³⁵.

Considerações finais

Devido à facilidade de transposição de fronteiras entre a devoção e o profano, surgem nós, costumes, visitas, deslocamentos, trocas. Evidenciando, assim, uma expressão de religiosidade profunda que é um imenso potencial para o turismo em Pernambuco, porém, ainda, não explorado economicamente pelo mercado formal.

As atividades turísticas, no dizer de Beni³⁶, necessariamente compreendidas como sistêmicas, ainda no entorno do Santuário de Nossa Senhora da Conceição em Recife está marcada por uma falta de estrutura ideal, mas sua importância social, econômica e cultural é enorme e merece ser aprofundada sob vários tipos de abordagem, seja antropológica, histórica e sobre as análises decorrentes do turismo religioso no Brasil que apenas na atualidade como a surgir como um ramo específico do conhecimento.

³⁵ Ibidem 28.

³⁶ BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: Senac, 2003.

Referências

AGUIAR, S.M.B. **SANTUÁRIOS CATÓLICOS PERNAMBUCANOS: Uma Etno História do Morro de Nossa Senhora da Conceição em Recife – 1904-2009.** Recife, 2008.

AGUIAR, S.M.B. **São Francisco das Chagas do Canindé, Ceará, Brasil.** In: Sylvana Maria Brandão de Aguiar. (Org.). **História das Religiões no Brasil - Volume 3.** Recife: Editora Universitária da UFPE, 2004, v. 3, p. 339-370

ANDRADE, José Vicente de. **Turismo: fundamentos e dimensões.** São Paulo: Pioneira, 1991.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo.** São Paulo: Senac, 2003.

BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento.** 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação,** Campinas: Papirus, 1997.

CAMURÇA, Marcelo Ayres; GIOVANNINI JR., Oswaldo. **Cidade Presépio em Tempo de Paixão. Turismo Religioso: tensão, negociação e inversão na cidade histórica de Tiradentes.** In. **Horizontes Antropológicos,** Porto Alegre, ano 9, n. 20, p. 225-247, outubro de 2003

Código de Direito Canônico promulgado por João Paulo II. Tradução Oficial CNBB. Edições Loyola, 1983.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural.** Lisboa: DIFEL, 2002.

FERREIRA, Ducilene ET AL. **A Religiosidade do Morro da Conceição,** artigo apresentado pelos alunos Ducilene Ferreira, Edson Romero, Herivelton Silva, Igor

Westphalen, Luiz Eduardo Silva e Olímpio Gonçalves para a Disciplina de Introdução à pesquisa Histórica, sob a supervisão da Professora Doutora Sylvana Maria Brandão de Aguiar

DURKHEIM, Emile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FOULCAULT. M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GALIMBERTI, Umberto. **Rastros do Sagrado: o cristianismo e a dessacralização do sagrado**. São Paulo: Paulus, 2003.

GIOVANINI, Oswaldo Júnior. **Cidade Presépio em Tempo de Paixão. Turismo Religioso: tensão, negociação e inversão na cidade histórica de Tiradentes**. In BANDUCCI, Alvaro Júnior; BARRETO, Margarita. **Turismo e Identidade Local: Uma visão antropológica**. São Paulo: Papyrus Editora, 2001. (Coleção Turismo).

GUERRA, Flávio. **Velhas igrejas e subúrbios históricos**. 2ª Ed. Recife: Fundação Guararapes, 1970.

GRAMSCI, Antonio. **Compreensão Dialética da História**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1995

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006, p. 4.

KOURY, Jussara Rocha. **Projeto Complexo Santuário Nossa Senhora da Conceição**. Recife. 2007.

Jornal Diário de Pernambuco, Segundo Caderno, edição de 06 de dezembro, p. 1, Recife 1963. IN. AGUIAR, S.M.B.; LIMA, Deise Maria Albuquerque de. **Devoção à Nossa Senhora da Conceição em Recife/PE: Uma Abordagem Histórica**. Artigo Apresentado no I Colóquio Internacional de História, na Universidade Federal de Campina Grande.

Jornal Diário de Pernambuco, Segundo Caderno. Edição de 05 de Dezembro, p. 3, 1963. **IN.** AGUIAR, S.M.B.; LIMA, Deise Maria Albuquerque de. **Devoção à Nossa Senhora da Conceição em Recife/PE:** Uma Abordagem Histórica. Artigo Apresentado no I Colóquio Internacional de História, na Universidade Federal de Campina Grande.

LÉGER-HERVIEU, Danielle. **Catolicismo – A Configuração da Memória.** **In.** Revista de Estudos da Religião. São Paulo: PUC.

LUCENA FILHO, Severino Alves. **Turismo religioso popular:** um cenário folkcomunicacional. Revista Internacional de FOLKCOMUNICAÇÃO, 2003.

MARINHO, Alba Lúcia da Silva. **Mito e expressões de rito:** São Severino Mártir do Engenho Ramos. III ENECULT, Salvador, 2007.

_____, **O papel das redes geográficas do sagrado no turismo regional:** O caso do Santuário de São Severino Mártir do Engenho Ramos Paudalho/PE, IV ENECULT, Salvador, 2008.

MENDONÇA, João Hélio. **A festa de Nossa Senhora da Conceição no Morro de Casa Amarela.** **In** Ciência e Trópico. Vol. 14, Nº. 02. Recife: Massangana, 1986. (Revista Semestral).

PINTO, Erick Carvalho. **Turismo religioso no Brasil.** Disponível em <http://bibemp2.us.es/turismo/turismonet1/>.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O verbo encantado:** a construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos. Ijuí - RS: Ed. UNIJUÍ, 1998.

SILVA, Antônio Dantas, “Prefácio”. **In:** COSTA, Francisco Augusto Pereira da. **Arredores do Recife.** Recife: Fundação de Cultura do Recife, 1981.

SILVEIRA, Emerson J. Sena da. **Turismo Religioso Popular**: Entre a ambigüidade conceitual e as oportunidades de mercado. In: Revista de Antropologia Experimental, Universidad de Jaén (España), N° 4.

STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias**: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa - Bahia. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **Peregrinação e turismo: o Natal Luz em Gramado e Canela**. XXII Reunião da ANPOCS, Caxambu, 1998

VELOSO, Reginaldo. **Eis aí a tua mãe**, 86ª Festa do Morro. 3ª Ed. Recife: FUNDARPE, Companhia Editorial de Pernambuco (CEPE) 1989.

VITARELLI, Flávio. **Turismo Religioso** - Jubileu do Senhor Bom Jesus do Matozinhos. Congonhas do Campo: Universidade Federal de Ouro Preto, 1997

CONDEPE, Programa Viva Morro. Disponível em: www.Condepefidem.pe.gov.br/programas/viva_morro.